

RESPOSTA DE UM ANARQUISTA AOS ÚLTIMOS MOICANOS DO MARXISMO E DO LENINISMO, ASSIM COMO AOS INÚMEROS PINTAINHOS DA DEMOCRACIA.

Ed. Sotavento, Faro (Portugal), 1991.

RÉPONSE D'UN ANARCHISTE AUX DERNIERS MOHICANS DU MARXISME-LÉNINISME, AINSI QU'AUX INNOMBRABLES POUSSINS DE LA DÉMOCRATIE.

Éd. Sotavento, Faro, 1991.

- 1 -

SOBRE A TEORIA DO DOMÍNIO

Pelo simples enunciado do vosso arrazoado se topa logo o primeiro e decisivo obstáculo contra o qual, impotente, o vosso pensamento esbarra: será que não tendes uma *teoria do domínio*? Não compreendestes ainda que as aludidas classes sociais, não redutíveis aliás à dinâmica duma dialéctica banalmente bipolar, antes hierarquizadas no interior duma pirâmide em que o explorador de um é por via de regra o explorado doutro, têm que ser dominadas antes de ser exploradas e que a categoria do domínio é mais vasta do que a da exploração, decorrendo historicamente uma da outra?

Seria aconselhável, se não fosseis tão dogmáticos nos vossos pensamentos fósseis, que pudésseis informar-vos um pouco sobre as sociedades ditas primitivas («*as primeiras sociedades de abundância*»), a génese do Estado, do fenómeno guerreiro ou predador, da mitologia e da religião e, muito especialmente, sobre a «*servidão voluntária*» — fenómeno escarpado há séculos por Étienne de LA BOÉTIE. Não, não é questão de que esqueçais o problema da produção material e do tubo digestivo que precisa de comer para defecar, como qualquer glutão ou grevista da fome sabe; é tão somente questão de que possais evoluir de um materialismo grosseiro e estomacal para formas (e conteúdos) mais elaborados de materialismo... Que diabo!, falar-se de Deus e do Estado, da teologia e da política, e no triste papel por elas desempenhado na mistificação da humanidade, não equivale nem a ser-se deísta nem a ser-se estatista! Nem a uma tentativa desespera-

- 1 -

SUR LA THÉORIE DE LA DOMINATION

Dès l'énoncé de votre argument, le premier et décisif obstacle auquel votre pensée se heurte, impuissante, apparaît clairement: n'avez-vous donc aucune théorie de la domination? N'avez-vous pas encore compris que les classes sociales susmentionnées, qui ne se réduisent pas à la dynamique d'une dialectique bipolaire banale, mais sont plutôt hiérarchiquement organisées au sein d'une pyramide où l'exploiteur des uns est, en règle générale, l'exploité des autres, doivent être dominés avant d'être exploités, et que la catégorie de domination est plus large que celle d'exploitation, les deux découlant historiquement l'une de l'autre?

Si vous n'étiez pas si dogmatiques dans votre pensée figée, il serait judicieux de vous renseigner un peu sur les sociétés dites primitives («*les premières sociétés d'abondance*»), la genèse de l'État, le phénomène du guerrier ou du prédateur, la mythologie et la religion, et surtout sur la «*servitude volontaire*» - un phénomène analysé il y a des siècles par Étienne de LA BOÉTIE. Non, il ne s'agit pas d'oublier le problème de la production matérielle et du système digestif qui a besoin de manger pour déféquer, comme tout glouton ou gréviste de la faim le sait; il s'agit simplement d'évoluer d'un matérialisme grossier et nauséabond vers des formes (et des contenus) de matérialisme plus élaborées... Quelle horreur! Parler de Dieu et de l'État, de théologie et de politique, et du rôle déplorable qu'ils jouent dans la mystification de l'humanité, ce n'est être ni déiste ni étatiste! Ce n'est pas non plus, croyez-

da, podeis crer, de obscurecimento dos mecanismos do domínio e da exploração...

Na conformidade, não se pode atacar eficazmente «*Das Kapital*» sem se atacar o Estado. Não esta ou aquela forma de Estado, - Estado escravagista, feudal, burguês ou «*proletário*»; Estado democrático, constitucional e de Direito ou Estado ditatorial, - mas o Estado sem adjetivos e substancial, o grande mediador, a instituição das instituições, o exemplo por excelência da organização hierarquizada e piramidal da sociedade, em que contam tanto as pequenas unidades básicas de enquadramento quanto os grandes conjuntos desumanizantes. O Estado, em suma, corporizado nos seus larguíssimos milhares de funcionários, burocratas, tecnocratas, gestores, deputados, ministros, autarcas, magistrados, polícias e militares, funcionando sempre de cima para baixo e do centro para a periferia, por mais democrático e descentralizado que se auto-proclamé.

É que o Estado, «*criador e criatura*» de privilégios, como dizia MALATESTA, tanto defende os interesses das classes possidentes existentes em determinado momento histórico como gera nas suas entranhas e circuitos novos interesses e novas classes dominantes e, por conseguinte, exploradoras. Até na sociedade capitalista aparentemente mais «*liberal*», com o Estado reduzido ao ínfimo papel de polícia e o factor económico mais autonomizado possível, «*o Estado tem uma vitalidade própria e constitui com os seus componentes estáveis ou electivos, com os seus funcionários e magistrados, com os seus polícias e clientes, uma verdadeira e própria classe social à parte...*» (Luigi FABBRI). A coisa é tão evidente que «*se o capitalismo fosse destruído e se deixasse subsistir um governo, este governo, mediante a concessão de toda a espécie de privilégios, criá-lo-ia de novo...*» (Congresso de Bolonha da *União Anarquista Italiana*, Julho de 1920). O rótulo, como se depreende, pouco importa, podendo esse hipotético governo intitular-se canhoto, esquerdino, ambidestro, popular, proletário, socialista (com o ou com u) ou comunista...

Contudo, tal como os marxistas, leninistas e restantes funâmbulos da derradeira religião revelada — a do socialismo ou comunismo autoritário —, sois incapazes de ver a questão social com esta limpeza. Consequentemente, caís, em meu entender, num duplo erro:

1- Por um lado, como achais que a vida social está economicamente condicionada (o que está certo) e descambais no economicismo (o que está errado), tendes tendência para ver no Estado apenas

moi, une tentative désespérée de masquer les mécanismes de domination et d'exploitation...

Par conséquent, on ne peut s'attaquer efficacement au «*Capital*» sans s'attaquer à l'État. Non pas à telle ou telle forme d'État, - État esclavagiste, féodal, bourgeois ou «*prolétarien*»; État démocratique, constitutionnel et de droit, ou État dictatorial, - mais à l'État dans son essence même, sans adjectifs ni substance, le grand médiateur, l'institution des institutions, l'exemple par excellence de l'organisation hiérarchique et pyramidale de la société, où comptent aussi bien les petites unités de base que les vastes structures déshumanisantes. L'État, en somme, incarné par ses milliers de fonctionnaires, bureaucrates, technocrates, gestionnaires, députés, ministres, maires, magistrats, policiers et militaires, fonctionnant toujours du sommet à la base et du centre à la périphérie, aussi démocratique et décentralisé qu'il puisse se proclamer.

Le fait est que l'État, «*créateur et progéniteur*» de privilèges, comme le disait MALATESTA, défend les intérêts des classes possédantes à un moment historique donné tout en engendrant, au sein de ses entrailles et de ses circuits, de nouveaux intérêts et de nouvelles classes dominantes et, par conséquent, exploiteuses. Même dans la société capitaliste en apparence la plus «*libérale*», où l'État est réduit au rôle minimal de police et à l'autonomie économique la plus totale, «*l'État possède sa propre vitalité et constitue, avec ses composantes stables ou élues, avec ses fonctionnaires et magistrats, avec sa police et ses clients, une véritable classe sociale à part entière...*» (Luigi FABBRI). Le phénomène est si évident que «*si le capitalisme était détruit et qu'un gouvernement était autorisé à subsister, ce gouvernement, en octroyant toutes sortes de privilèges, le recréerait...*» (Congrès de Bologne de l'*Union anarchiste italienne*, juillet 1920). L'étiquette, comme on le voit, importe peu. Ce gouvernement hypothétique pourrait se qualifier de gauche, gauchiste, ambidextre, populaire, prolétarien, socialiste (avec un o ou un u (*)), ou communiste...

Cependant, à l'instar des marxistes, des leninistes et autres funâmbules de la religion révélée ultime - celle du socialisme ou du communisme autoritaire -, vous êtes incapable d'appréhender la question sociale avec cette lucidité. Par conséquent, à mon avis, vous commettez une double erreur:

1- D'une part, puisque vous croyez que la vie sociale est conditionnée économiquement (ce qui est exact) et que vous sombrez dans l'économisme (ce qui est faux), vous tendez à considérer l'État comme une simple superstructure, une méga-ma-

(*) Alusão a termos idiomáticos antigos ou, muito provavelmente, locais. (*Observação A.M.*).

(*) Allusion à des vocables idiomatiques anciens, ou locaux, selon toute vraisemblance. (*Note A.M.*).

uma superestrutura, uma mega-máquina que, em melhores mãos (nas vossas, obviamente), até pode dar melhores frutos. Assim, a uma geringonça tão providencial e tão instrumentalizável até podeis confiar novas atribuições, para além das que lhe são tradicionalmente cometidas pela burguesia: a expropriação dos expropriadores, por exemplo, convertendo-se o vosso modelar e canonizável Estado «*proletário*» no expropriador único.

2- Por outro (erro de sinal contrário), por muito economicistas e materialistas que vos digais, quando não soçobrais na expectativa e no determinismo de tipo fatalista (a pêra há-de cair de madura, as contradições íntimas e objectivas do sistema hão-de fazer com que ele se autodestrua, etc...), tendes da revolução social uma noção perfeitamente golpista e politicante. É assim que continuais a manipular, agitando-o antes de usá-lo, o conceito especioso de «*ditadura do proletariado*», ditadura essa, segundo o vosso superior critério, «*de modo nenhum posta em causa mas confirmada pela derrota da revolução russa*», porquanto, para vossorias, «*foi por a ditadura do proletariado ser tão débil que o poder de Estado passou para o controlo duma burguesia burocrática e a revolução se afundou*».

No meio de toda essa balbúrdia para vós extremamente operacional e sobretudo insusceptível de vos levar a erros práticos, achais que os anarquistas consubstanciam «*uma corrente de pensamento que não consegue ver mais do que Homens abstractos face a princípios abstractos, como Igualdade, Liberdade, Autoridade*». Um escol de patetas, resumindo e concatenando, «*como aqueles pobres das aldeias que ainda não se deixam enganar com histórias sobre viagens interplanetárias...*». Precisamente porque, «*ao verem o inimigo não na classe burguesa mas no Estado em geral, os anarquistas passam ao lado da questão aferidora de todas as correntes políticas: como fazer sair os trabalhadores da prisão do Estado burguês? como derrubar a burguesia?*».

Mas que «*infantilismo*» (a expressão é vossa), não é verdade? Resta é saber se tal infantilismo nos é imputável, a nós que somos incrédulos — até porque o ateísmo, em política, dá pelo nome de anarquismo — ou a vós que, na vossa qualidade de arquistas, ainda acreditais no pai natal ou na história da carochinha.

chine qui, entre de meilleures mains (les vôtres, manifestement), pourrait même produire de meilleurs résultats. Ainsi, vous pouvez même attribuer à cette machine providentielle et instrumentalisable de nouvelles attributions, en plus de celles que la bourgeoisie lui attribue traditionnellement: l'expropriation des expropriants, par exemple, transformant votre État «*prolétarien*», modèle et canonisable, en unique expropriant.

2- D'un autre côté (erreur de signe opposé), aussi économistes et matérialistes que vous puissiez vous prétendre, lorsque vous ne cédez pas à l'attente et au déterminisme fataliste (la poire tombera quand elle sera mûre, les contradictions intrinsèques et objectives du système entraîneront son autodestruction, etc...), vous vous retrouvez avec une conception parfaitement putschiste et politiste de la révolution sociale. C'est ainsi que vous continuez à manipuler, en l'agitant avant de l'utiliser, le concept spécieux de «*dictature du prolétariat*», une dictature qui, selon vos critères supérieurs, «*n'a nullement été remise en question mais au contraire confirmée par la défaite de la révolution russe*», car, pour vous, «*c'est parce que la dictature du prolétariat était si faible que le pouvoir d'État est passé aux mains d'une bourgeoisie bureaucratique et que la révolution a sombré*».

Au milieu de tout ce bavardage, si pratique pour vous et surtout si peu susceptible de vous induire en erreur, vous pensez que les anarchistes incarnent «*un courant de pensée incapable de voir autre chose que des hommes abstraits confrontés à des principes abstraits, tels que l'Égalité, la Liberté, l'Autorité*». Une bande d'imbéciles, pour résumer, «*comme ces pauvres gens des villages qui ne se laissent toujours pas berner par les histoires de voyages interplanétaires...*». Précisément parce que, «*en voyant l'ennemi non pas dans la bourgeoisie mais dans l'État en général, les anarchistes passent à côté de la question cruciale pour tous les courants politiques: comment libérer les travailleurs de la prison de l'État bourgeois? comment renverser la bourgeoisie?*».

Mais quelle «*puérilité*» (l'expression est de vous), n'est-ce pas? Reste à savoir si cette puérilité nous est imputable, à nous qui sommes incroyants - d'autant plus que l'athéisme, en politique, se fait appeler anarchisme - ou à vous qui, en tant qu'*archistes*, croyez encore au Père Noël ou aux contes de fées.

SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICO

Em primeiro lugar, contrariando a fábula do Estado demasiado super-estrutural, digno de figurar nos museus da sociedade anarquista do futuro, «*ao lado da roca de fiar e do machado de bronze*» (ENGELS, «*A origem da família, da propriedade e do Estado*»), temos logo a teoria do «*modo de produção asiático*», mais ou menos elaborada pelo próprio MARX.

Efectivamente, que pensar de um modo de produção em que o Estado é o «*empresário universal*», dirige os grandes trabalhos públicos, gere o sistema de irrigação, do qual depende toda a terra arável, sem que todavia haja uma rede de proprietários privados? Pois foi o que aconteceu em grandes franjas de todo o Oriente e durante largos séculos: não havia uma propriedade privada com trabalho escravo subjacente, como na antiguidade clássica ocidental; não havia o feudo com as obrigações aviltantes dos servos da gleba, como no feudalismo; e menos ainda havia uma elite de capitães de indústria e de «*peritos*» financeiros, como no capitalismo. O Estado já então igual a si próprio, com todos os seus tentáculos e a sua rede de burocratas, os seus privilegiados e as suas clientelas, os seus cargos, prebendas e mordomias, era dono de tudo; confundia os seus próprios interesses com os interesses da comunidade e, segundo ENGELS, agrupava-se à volta de três «*ministérios*»: finanças ou pilhagem do interior, guerra ou pilhagem do interior e do exterior e, enfim, trabalhos públicos ou «*ministério da reprodução*».

MARX e ENGELS, pleonasticamente imbuídos de «*marxismo*», não levaram, porém, a sua descoberta até ao fim. Como não tinham uma teoria do domínio consequente, não podiam compreender que a burocracia tivesse entre mãos e exercesse uma forma de poder e opressão não derivada de outras classes sociais mais importantes. O que seria dar demasiada razão aos anarquistas, os quais sempre defenderam que as formas de domínio e de exploração não seriam apenas e sempre redutíveis a formas capitalistas ou pré-capitalistas arcaicas... E para cúmulo do (vosso) azar, parece que até as modernas ciências sociais vêm dar razão à genial intuição dos anarquistas, o que já não é assim tão mau, atendendo a que se trata duma confraria de pobres «*utópicos*». Diz, por exemplo, muito a propósito Ralf DAHRENDORF: «*De um ponto de vista sociológico, a propriedade não é de facto a única forma de autoridade. Por conseguinte, quando se tenta definir a autoridade com base na propriedade, acaba-se por definir o geral com base no particular, o que constitui um evidente erro de lógica. Em qualquer caso em que esteja presente a proprie-*

À PROPOS DU MODE DE PRODUCTION ASIATIQUE

Tout d'abord, pour contredire la fable de l'État hyper-structuré, digne d'être exposé dans les musées de la société anarchiste future, «*aux côtés du rouet et de la hache de bronze*» (ENGELS, «*L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*»), on trouve immédiatement la théorie du «*mode de production asiatique*», plus ou moins élaborée par MARX lui-même.

En effet, que penser d'un mode de production où l'État est «*l'entrepreneur universel*», dirige les grands travaux publics, gère le système d'irrigation dont dépend toute terre arable, sans pour autant qu'il existe un réseau de propriétaires privés? Car c'est ce qui s'est produit dans de vastes régions de tout l'Orient et pendant de nombreux siècles: point de propriété privée sous-jacente au travail servile, comme dans l'Antiquité classique occidentale; point de fief avec les obligations dégradantes des serfs, comme dans le féodalisme; et encore moins d'une élite de capitaines d'industrie et d'«*experts*» financiers, comme dans le capitalisme. L'État, déjà égal à lui-même, avec tous ses tentacules et son réseau de bureaucrates, ses privilégiés et sa clientèle, ses offices, ses sinécures et ses avantages, possédait tout; il confondait ses propres intérêts avec ceux de la communauté et, selon ENGELS, s'organisait autour de trois «*ministères*»: les finances ou le pillage de l'intérieur, la guerre ou le pillage de l'intérieur et de l'extérieur, et enfin les travaux publics ou «*ministère de la reproduction*».

MARX et ENGELS, imprégnés de «*marxisme*», n'ont cependant pas poussé leur découverte jusqu'à son terme. Faute d'une théorie de la domination cohérente, ils ne pouvaient comprendre comment la bureaucratie pouvait exercer une forme de pouvoir et d'oppression qui ne provenait pas d'autres classes sociales plus importantes. Ce serait accorder trop de crédit aux anarchistes, qui ont toujours soutenu que les formes de domination et d'exploitation ne se réduisent pas uniquement et systématiquement à des formes capitalistes ou pré-capitalistes archaïques... Comble de l'ironie, il semble que même les sciences sociales modernes confirment aujourd'hui la brillante intuition des anarchistes, ce qui n'est pas si mal, étant donné qu'il s'agit d'une confrérie de pauvres «*utopistes*». Par exemple, Ralf DAHRENDORF affirme très justement: «*D'un point de vue sociologique, la propriété n'est en réalité pas la seule forme d'autorité. Par conséquent, lorsqu'on tente de définir l'autorité à partir de la propriété, on finit par définir le général à partir du particulier, ce qui constitue une erreur logique manifeste. Dans tous les cas où la propriété est présente, l'autorité l'est aussi ; mais... toutes les*

dade, estará também a autoridade; mas... nem todas as manifestações de autoridade pressupõem a propriedade: a autoridade é uma relação social de carácter mais geral».

Dentro desta ordem de ideias e em última análise, poderíamos apresentar mais de mil casos edificantes, apanágio e pendão da formosa sociedade em que vivemos. Alguns bastam. Já reparastes, por exemplo, na tirania que existe dentro das próprias empresas capitalistas? Qualquer organograma nos mostra, antes de mais, a relação e a estrutura de poder existentes. Dos lacaios, empregados e operários até aos grandes directores e gestores, passando pelos pequenos, médios e grandes colarinhos brancos, todos ocupam o seu lugar na pirâmide hierárquica, com os correspondentes vencimentos, honorários, emolumentos e outros unguentos, directamente proporcionais à altura dos respectivos poleiros. E os nossos honrados democratas representativos, que ainda na véspera mendigaram o boletim de voto ao «*povo soberano*», no dia seguinte, ao descerem ao terreiro, acham perfeitamente natural que a «*liberdade*» campeie na «*sociedade civil*», enquanto a opressão reina no local de trabalho. E acaso vistes, no quadro da recomposição e reajustamento das classes dominadoras e exploradoras, a inelutável substituição das velhotas que vivem dos rendimentos e dos gordos e luzidios latifundiários alentejanos pelos elegantes e buliçosos «*golden boys*», grandes maneжadores de homens e capitais, com evidentes acessos aos créditos chorudos e bonificados (ou a fundo perdido) e aos centros de decisão? É só olhar para a velocidade com que passam do sector público para o privado e vice-versa. E será puro bambúrrio que no «*ranking*» das grandes fortunas mundiais, acima até dos multimilionários texanos, encontremos alguns rajás, marajás, sultões, xeiques, entre outros mandarins, além de sua graciosa majestade britânica? Finalizando este breve inventário heteróclito e quase surrealista, mas de maneira alguma exaustivo, chamamos a vossa atenção para a distribuição democrática dos tachos no quadro sempre a edificar, mas edificante!, do mercado comum europeu e do seu super-Estado. Já registastes a maneira como os eurocratas se abocanham? Dir-se-ia que as formas obsoletas da propriedade e da posse cedem o lugar à função e ao cargo, no quadro da estrutura tecno-burocrática mundial. Por enquanto, esses malandros inquinam apenas a Terra, mas dêem-lhes tempo e «*asas*» e eles contaminarão toda a galáxia...

Mas não percamos já de vista o modo de produção asiático, embrenhando-nos demasiado ostensivamente pelos meandros da selva urbana moderna. Na senda de MARX e ENGELS, LÉNINE e TROTSKY e, depois, STALINE e seus asseclas e pintainhos tentaram levar para a prática o que os mestres-pensadores haviam analisado. Como bons «*déspotas orientais*»,

manifestations de l'autorité ne présupposent pas la propriété: l'autorité est une relation sociale de nature plus générale».

Dans cette optique, et en définitive, nous pourrions présenter plus d'un millier d'exemples édifiants, véritables emblèmes de la belle société dans laquelle nous vivons. Quelques-uns suffisent. Avez-vous remarqué, par exemple, la tyrannie qui règne au sein même des entreprises capitalistes? Tout organigramme révèle, avant tout, les rapports de force et la structure en place. Du simple exécutant à l'ouvrier, en passant par les directeurs et les cadres supérieurs, sans oublier les employés de bureau de toutes tailles, chacun occupe sa place dans la pyramide hiérarchique, avec des salaires, des honoraires, des émoluments et autres avantages proportionnels à son rang. Et nos honorables représentants démocrates, qui la veille encore imploraient le «*peuple souverain*» de leur accorder le bulletin de vote, trouvent le lendemain, en descendant sur la place publique, parfaitement naturel que la «*liberté*» règne dans la «*société civile*», tandis que l'oppression règne sur le lieu de travail. Avez-vous remarqué, dans le cadre de la recomposition et du réajustement des classes dominantes et exploiteuses, l'inévitable remplacement des vieilles femmes vivant des revenus du peuple et des riches propriétaires terriens de l'Alentejo par d'élégants et bruyants «*golden boys*», d'habiles gestionnaires d'hommes et de capitaux, bénéficiant d'un accès privilégié à des prêts importants et subventionnés (voire non remboursables) et aux centres de décision? Voyez la rapidité avec laquelle ils passent du secteur public au secteur privé et inversement. Et est-il vraiment absurde que, dans le «*classement*» des plus grandes fortunes mondiales, même au-dessus des multimillionnaires texans, on trouve des rajahs, des maharajas, des sultans, des cheikhs, et autres mandarins, outre sa gracieuse majesté britannique? Pour conclure ce bref inventaire hétéroclite, presque surréaliste, mais loin d'être exhaustif, nous attirons votre attention sur la répartition démocratique des postes au sein du cadre en constante expansion, et pourtant constructif, du marché commun européen et de son super-Etat. Avez-vous remarqué comment les eurocrates s'empilent les uns sur les autres? Il semblerait que les formes obsolètes de propriété et de possession cèdent la place à la fonction et au bureau au sein de la structure techno-bureaucratique mondiale. Pour l'instant, ces scélérats ne font que polluer la Terre, mais donnez-leur le temps et les «*moyens*», et ils contamineront la galaxie entière...

Mais ne perdons pas de vue le mode de production asiatique, en nous perdant trop ostensiblement dans les méandres de la jungle urbaine moderne. À la suite de MARX et ENGELS, LÉNINE et TROTSKY, puis STALINE et ses acolytes, on a tenté de mettre en pratique ce que les grands penseurs avaient analysé. À l'instar des bons «*despotes orientaux*», dignes

dignos discípulos dos faraós e de quantos mandaram construir as pirâmides, bem como dos guerreiros do império assírio-babilónico e dos senhores da guerra dos desertos e dos altos planaltos da Arábia, da Pérsia ou da Índia, lançaram-se a milénios de distância no projecto demente e liberticida de edificação do Estado expropriador e, em princípio, proprietário único, único banqueiro, grande planificador, grande inquisidor, sumo-sacerdote, marechal supremo e super-bufo. À sua maneira, tentavam «*acabar com a História*», edificando o Estado-Moloch, sem nos explicarem todavia como é que esse derradeiro expropriador seria a seu turno expropriado. Brandindo o chicote dos comissários do povo, usando e abusando do jus vitae necisque sobre as massas escravizadas, estatizando a pequena propriedade familiar mediante a simples aplicação do termo *kulak* — termo aliás desprovido de qualquer significação jurídico-económica —, matando à fome e deportando milhões de camponeses, criminalizando o dissenso, proibindo todos os partidos e todas as tendências, transformando os soviets e os sindicatos em simples câmaras de registo e correias de transmissão, ilegalizando as greves porque susceptíveis de fazerem o jogo da reacção e porque a «*vanguarda dirigente*» se ocuparia de tudo — esses cavalheiros levaram por diante a mais brutal acumulação capitalista de todos os tempos...

Mas frente à realidade insustentável, até conceitos como «*acumulação capitalista primitiva*» ou «*capitalismo burocrático de Estado*» são controversos e problemáticos, incapazes de fornecer uma explicação séria à realidade social descrita. Pois se o regime do trabalho assalariado, a prisão moderna do salariat, constitui a base económica e a mola real da organização capitalista do *tripalium* (antigo instrumento de tortura, do qual deriva a palavra *trabalho*), que pensar das dezenas de milhões de pobres larvas humanas que durante décadas trabalharam à borla, em inúmeros campos de concentração, para os novos czares? Entre muitos outros pensionistas sempre caluniados pelos sacerdotes de esquerda e outros meninos que, como BARREIRINHAS CUNHAL, achavam que nunca havia «*elementos suficientes*» para julgar a situação, o insuspeito Valentim GONZALEZ, mais conhecido por «*El campesino*» e general comunista durante a guerra civil espanhola, no livro «*Vida e morte na U.R.S.S.*», conta como as coisas se passavam no universo concentracionário. Milhões de homens e mulheres, em condições incríveis, em zonas situadas próximo do círculo polar ártico ou nos confins da Sibéria, personificavam a

discípulos des pharaons et de tous ceux qui ont ordonné la construction des pyramides, ainsi que des guerriers de l'empire assyro-babylonien et des seigneurs de guerre des déserts et des hauts plateaux d'Arabie, de Perse ou d'Inde, ils se sont lancés, des millénaires plus tard, dans le projet insensé et destructeur de liberté de bâtir un État expropriant, en principe propriétaire unique, banquier unique, grand planificateur, grand inquisiteur, grand prêtre, maréchal suprême et informateur suprême. À leur manière, ils ont tenté de «*mettre fin à l'Histoire*», en construisant l'État-Moloch, sans toutefois nous expliquer comment cet expropriant ultime serait à son tour exproprié. Brandissant le fouet des commissaires du peuple, usant et abusant du droit à la vie sur les masses asservies, nationalisant la petite propriété familiale par la simple application du terme *koulak* — terme, de surcroît, dépourvu de toute signification juridique et économique —, affamant et déportant des millions de paysans, criminalisant la dissidence, interdisant tous les partis et toutes les tendances, transformant les soviets et les syndicats en simples chambres d'enregistrement et courroies de transmission, interdisant les grèves car elles risquaient de faire le jeu des réactionnaires et parce que «*l'avant-garde dirigeante*» s'occuperait de tout — ces messieurs ont perpétré l'accumulation capitaliste la plus brutale de tous les temps...

Mais face à cette réalité insoutenable, même des concepts comme «*l'accumulation capitaliste primitive*» ou le «*capitalisme d'État bureaucratique*» se révèlent controversés et problématiques, incapables d'expliquer sérieusement la réalité sociale décrite. Car si le salariat, cette prison moderne qu'est le salariat, constitue le fondement économique et le véritable moteur de l'organisation capitaliste du *tripalium* (un ancien instrument de torture dont dérive le mot «*travail*»), que penser des dizaines de millions de pauvres larves humaines qui, pendant des décennies, ont travaillé gratuitement dans d'innombrables camps de concentration pour les nouveaux tsars? Parmi tant d'autres retraits constamment calomniés par des prêtres de gauche et d'autres jeunes hommes qui, comme BARREIRINHAS CUNHAL (*), estimaient qu'il n'y avait jamais «*suffisamment de preuves*» pour juger la situation, l'insoupçonné Valentim GONZALEZ (**), plus connu sous le nom d'«*El Campesino*», général communiste durant la guerre civile espagnole, raconte dans son livre «*Vie et mort en URSS*» comment les choses se sont déroulées dans l'univers des camps de concentration. Des millions d'hommes et de femmes, dans des conditions incroyables, aux abords du cercle polaire arctique

(*) Álvaro BARREIRINHAS CUNHAL (1913-2005), Secretário-Geral do Partido comunista português de 1961 a 1992. (Nota A.M.)

(**) Valentín GONZÁLEZ (1904-1983), conhecido por «*El Campesino*», comunista e militar espanhol; denunciou o sistema de campos de concentração russos na década de 1950 e, posteriormente, tornou-se social-democrata. (Nota A.M.)

(*) Álvaro BARREIRINHAS CUNHAL (1913-2005), Secrétaire général du Parti communiste portugais de 1961 à 1992. (Note A.M.)

(**) Valentín GONZÁLEZ (1904-1983), dit «*El Campesino*», communiste espagnol, militaire; dénonça l'univers concentrationnaire russe dans les années 50, puis devint social-démocrate. (Note A.M.)

criação (no sentido de se criar gado, só que o gado era mais bem alimentado!) e a educação (pelo tripalium!) do «*homem novo*», essa criatura tão celebrada pelo pensamento judaico-cristão e marxista-leninista. Extraíam petróleo, níquel, carvão e ferro, trabalhavam sem qualquer protecção em indústrias químicas perigosas, em fábricas de armamento, em fundições, fábricas de conservas, koikhoses, indústrias madeireiras, construíam estradas, vias férreas e imensos canais que ligam os mares interiores... e eram devorados por milhões de piolhos, percevejos e mosquitos e morriam como moscas! Segundo *El Campesino*, por altura da morte de STALINE (1953), vegetariam em dezenas de campos de concentração cerca de 19 milhões de soviéticos e 4 milhões de estrangeiros. Mais milhão, menos milhão, o que não terá sido nos anos trinta, durante o consulado de IEJOV, chefe da polícia política, e do seu antecessor IAGODA, especializado em drogas e grandes obras públicas?! Estaremos, portanto, ante algo tipificado anteriormente como «*modo de produção asiático*» ou «*despotismo oriental*» ou ante um mero deslize, um simples «*desvio*» à devoradora ortodoxia? Pela parte modesta que me cabe, já escolhi, conquanto Friedrich ENGELS nos tivesse asseverado, do alto da sua cátedra e da sua sabicheza, que o Estado «*revolucionário*» e «*transitário*» (a que também se podia chamar eufemisticamente *Gemeinwesen*, isto é, *comunidade*) iria definhando aos poucos, até murchar completamente e metamorfosear-se na mais rematada anarquia... Mas que artista, que prestidigitador, não achais?! Só um campeão da dialéctica podia conceber semelhante salto qualitativo: no auge do seu império e da sua pujança, exorcizado e afastado qualquer perigo contra-revolucionário, absorvida e digerida toda e qualquer forma de capital, submetida e subjugada toda a população, o Estado decidia subitamente, num acesso de modéstia irrefreável, deixar a cena da história na ponta dos pés... Ou então, decidindo sujar as mãos pela última vez, desta feita com o próprio sangue, suicidava-se pateticamente, à japonesa, fazendo haraquiri!

No meio de tudo isto, já nos primórdios dos gloriosos e míticos anos vinte. LÉNINE ironizava, frente ao anarco-sindicalista Angel PESTANA, sobre a liberdade «*abstracta*», entendida como «*preconceito burguês*». Antes, já tivera o mesmo comportamento frente ao guerrilheiro anarquista ucraniano Nestor MAKHNO, a quem os bolchevistas e o *Exército vermelho* tanto ficaram a dever, quando os exércitos brancos constituíam uma ameaça, e depois traíram miserável e jesuiticamente, na fase de consolidação do poder. Ajudando à festa, TROTSKY, num livro vergonhoso intitulado «*Terrorismo e comunismo*» (homónimo do de Kautsky, mas de sinal contrário), apontava a «*militarização do trabalho*» como evidente «*método fundamental e indispensável para organizar as nossas forças de trabalho*». Achava

ou aux confins de la Sibérie, incarnaient la création (au sens de l'élevage, sauf que le bétail était mieux nourri!) et l'éducation (par le *tripalium*!) de «*l'homme nouveau*», cette créature si célébrée par la pensée judéo-chrétienne et marxiste-léniniste. Ils extrayaient du pétrole, du nickel, du charbon et du fer; ils travaillaient sans aucune protection dans des industries chimiques dangereuses, des usines d'armement, des fonderies, des conserveries, des kolkhozes, des scieries; ils construisaient des routes, des voies ferrées et d'immenses canaux reliant les mers intérieures... et ils étaient dévorés par des millions de poux, de punaises et de moustiques et mouraient comme des mouches! Selon *El Campesino*, à la mort de STALINE (1953), environ 19 millions de Soviétiques et 4 millions d'étrangers croupissaient dans des dizaines de camps de concentration. À un million près, quelle somme cela devait-il représenter dans les années 1930, sous le règne d'IEJOV, chef de la police politique, et de son prédécesseur IAGODA, spécialiste des stupéfiants et des grands travaux publics?! Sommes-nous donc face à ce qu'on a d'abord qualifié de «*mode de production asiatique*» ou de «*despotisme oriental*», ou à un simple faux pas, une simple «*déviation*» de l'orthodoxie dévorante? Pour ma part, j'ai déjà fait le choix, bien que Friedrich ENGELS nous ait assuré, du haut de son professorat et de sa sagesse, que l'État «*révolutionnaire*» et «*transitoire*» (qu'on pourrait aussi appeler, par euphémisme, *Gemeinwesen*, c'est-à-dire *communauté*) déperirait peu à peu, jusqu'à disparaître complètement et se métamorphoser en une anarchie totale... Mais quel artiste, quel prestidigitateur, n'est-ce pas?! Seul un champion de la dialectique pouvait concevoir un tel saut qualitatif: au sommet de son empire et de sa puissance, après avoir exorcisé et banni tout danger contre-révolutionnaire, après avoir absorbé et digéré toute forme de capital, après avoir soumis et assujéti toute la population, l'État décida soudain, dans un accès d'irrépressible modestie, de quitter la scène de l'histoire sur la pointe des pieds... Ou bien, décidant de se salir les mains une dernière fois, cette fois avec son propre sang, il se suicida pathétiquement, à la japonaise, en pratiquant le hara-kiri!

Au milieu de tout cela, au début des glorieuses et mythiques années 1920, LÉNINE, avec ironie, tenait des propos à l'anarcho-sindicaliste Angel PESTANA sur la liberté «*abstraite*», qu'il percevait comme un «*préjugé bourgeois*». Il avait auparavant adopté la même attitude envers le guérillero anarchiste ukrainien Nestor MAKHNO, à qui les bolcheviks et l'*Armée rouge* devaient tant lorsque les armées blanches représentaient une menace, et qu'ils trahirent ensuite misérablement, voire avec une cruauté jésuite, lors de la consolidation du pouvoir. Comble du spectacle, TROTSKY, dans un ouvrage honteux intitulé «*Terrorisme et communisme*» (homonyme de celui de Kautsky, mais au sens inverse), présentait la «*militarisation du travail*» comme une méthode «*fondamentale et indispensable pour organiser nos forces de travail*». Il considérait que condamner le travail for-

que condenar o trabalho forçado e falar da sua fraca produtividade era uma atitude tipicamente conservadora e arrogava-se o direito de deportar qualquer produtor para qualquer sítio em que a sua actividade fosse socialmente necessária. Tal era o receituário do chamado «*comunismo de guerra*». E STALINE, como bom «*trotskista*», limitou-se a levar para a prática e em larga escala os ensinamentos do mestre. Com os homens da *agitprop* (agitação e propaganda, uma espécie de agência publicitária da época), lançou o fenómeno STAKHANOV — o tal mineiro que produzia 10 ou 20 vezes mais que os seus camaradas —, açulou os operários e os camponeses para aquilo a que em 1975 se chamava em Portugal as «*batalhas da produção*» e proclamou que o homem (concreto ou abstracto?) era o «*capital mais precioso*».

Pelo exposto se vê que, muito embora só se empreste aos ricos, como dizem os banqueiros, STALINE não pode ser considerado o único responsável e o bode expiatório de um sistema que, ao fim e ao cabo, o produziu. Sem de maneira alguma manejar o paradoxo, posso dizer que STALINE foi um TROTSKY que triunfou e TROTSKY um STALINE que falhou na conquista e conservação de um poder que lhe escorregou entre os dedos. Pois não foi TROTSKY inclusive quem exterminou os guerrilheiros anarquistas ucranianos, liquidou a *makhnovitchina* e organizou expedições punitivas contra os camponeses livres? E quem, ao esmagar em 1921 o último soviete livre, foi apodado «*GALLIFFET de Kronstadt*», sendo equiparado ao general que, em 1871, tinha afogado em sangue a *Comuna de Paris*?

cé et déplorer sa faible productivité relevait d'une attitude typiquement conservatrice, et s'arrogeait le droit de déporter tout producteur là où son activité était jugée socialement nécessaire. Telle était la recette du soi-disant «*communisme de guerre*». Et STALINE, en bon «*trotskiste*», n'a fait que mettre en pratique à grande échelle les enseignements du maître. Avec les hommes de l'*agitprop* (l'agitation et la propagande, une sorte d'agence de publicité de l'époque), il a lancé le phénomène STAKHANOV - le mineur qui produisait 10 ou 20 fois plus que ses camarades -, incité les ouvriers et les paysans à ce qu'on appelait en 1975 au Portugal les «*batailles de la production*», et proclamé que l'homme (concret ou abstrait?) était le «*capital le plus précieux*».

De ce qui précède, il ressort clairement que, même si les prêts ne sont accordés qu'aux riches, comme le disent les banquiers, STALINE ne peut être considéré comme le seul responsable et le bouc émissaire d'un système qui, en fin de compte, l'a engendré. Sans exploiter le paradoxe, je peux dire que: STALINE était un TROTSKY qui a triomphé et TROTSKY un STALINE qui n'a pas réussi à conquérir et à conserver un pouvoir qui lui a échappé. N'est-ce pas TROTSKY qui extermina les guérilleros anarchistes ukrainiens, liquida la *Makhnovchtchina* et organisa des expéditions punitives contre les paysans libres? Et qui, après avoir écrasé le dernier soviète libre en 1921, fut surnommé «*GALLIFFET de Kronstadt*», assimilé au général qui, en 1871, fit couler le sang de la *Commune de Paris*?

SOBRE A DITADURA DO PROLETARIADO

Em segundo lugar, se bem que a ditadura dita do proletariado seja para vossências a grande panaceia de transição de um presente abominável para um futuro radioso, - o que parece um aborto lógico e ético e uma total inadequação dos meios a empregar aos fins a atingir, - vejo-me obrigado a considerá-la mais uma velha mézinha da velha panóplia burguesa. As suas raízes mergulham na revolução francesa, mais concretamente no período que vai até 1793, quando a burguesia jacobina (terrorista e centralista) impunha o seu diktat, através do controle do *Comité de salvação pública* e do *Comité de segurança geral*. Robespierre, o tal que achava que: «*o pão não é uma questão política*», mas que Lénine e os bolchevistas admiravam tanto, pensava cortar todas as pontes com o passado e com o «*Ancien régime*», mas não fez mais do que preparar a reacção de thermidor, o regresso dos dantonistas e o advento de vigaristas ainda piores, entre os quais o imperador Napoleão Bonaparte. A contra-revolução devorava os seus próprios filhos, o Estado jacobino não rompia o círculo vicioso do domínio.

Foi a idealização deste período e a sua insuficiente análise e crítica por parte das escolas autoritárias (e reformistas) do socialismo e do comunismo que deu vida a um monstro: o mito da «*ditadura popular*» e do «*poder revolucionário*». Em vez de pensarem que nunca ninguém conquistou o poder, mas que este é que conquistou todos os seus conquistadores, e que a relação política de comando-obediência não pode ser mantida, mas tem que ser abolida; Babeuf e a «*Conjura dos Iguais*», insuficientemente emancipados do ascendente intelectual da burguesia jacobina, desenvolveram a ideia da ditadura transitória e da estatização da propriedade. O comunismo que propunham, aliás, situava-se a meio caminho, entre o convento e a caserna.

Depois foi a vez de Blanqui e das minorias belicosas e aguerridas, substituindo-se à máxima que a Associação Internacional dos Trabalhadores consagraria: «*A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores*». Com meia dúzia de canhões e de barricadas resolveriam o problema, após o que o bom povo lhes agradecería como pudesse, enquanto eles se serviriam dos poderes discricionários entrementes postos à sua disposição...

A seguir, veio Marx com o seu «*proletariado organizado em classe dominante*» («*Manifesto do partido comunista*»), exercendo uma «*ditadura revolucionária*» durante a «*fase inferior do comunismo*» em que cada um seria remunerado «*segundo o seu trabalho*», enquanto se aguardaria pela «*fase su-*

SUR LA DICTATURE DU PROLÉTARIAT

Deuxièmement, bien que la prétendue dictature du prolétariat soit pour vous la panacée idéale pour passer d'un présent abominable à un avenir radieux, - ce qui me semble une aberration logique et éthique, et une totale inadéquation des moyens employés aux fins visées, - je me vois contraint de la considérer comme un simple remède de la vieille panoplie bourgeoise. Ses racines plongent dans la Révolution française, plus précisément dans la période précédant 1793, lorsque la bourgeoisie jacobine (terroriste et centralisatrice) imposa son diktat par le biais du *Comité de salut public* et du *Comité de sûreté générale*. Robespierre, celui qui pensait que: «*le pain n'est pas une question politique*», mais que Lénine et les bolcheviks admiraient tant, croyait rompre tout lien avec le passé et avec l'*Ancien régime*, mais il ne fit rien d'autre que préparer la réaction thermidorienne, le retour des dantonistes et l'avènement de pires imposteurs encore, parmi lesquels l'empereur Napoléon Bonaparte. La contre-révolution a dévoré ses propres enfants; l'État jacobin n'a pas brisé le cercle vicieux de la domination.

C'est l'idéalisation de cette période, ainsi que son analyse et sa critique insuffisantes par les écoles autoritaires (et réformistes) du socialisme et du communisme, qui ont donné naissance à un monstre: le mythe de la «*dictature populaire*» et du «*pouvoir révolutionnaire*». Au lieu de considérer que nul n'a jamais conquis le pouvoir, mais que le pouvoir a conquis tous ses conquérants, et que le rapport politique de commandement et d'obéissance ne peut être maintenu mais doit être aboli, Babeuf et la «*Conjuration des Égaux*», insuffisamment affranchis de l'ascendant intellectuel de la bourgeoisie jacobine, ont développé l'idée d'une dictature transitoire et de la nationalisation de la propriété. Le communisme qu'ils proposaient, de surcroît, restait à mi-chemin entre le couvent et la caserne.

Puis vinrent Blanqui et les minorités belliqueuses et combatives, remplaçant la maxime que l'Association internationale des travailleurs consacrerait: «*L'émancipation des travailleurs sera l'œuvre des travailleurs eux-mêmes*». Avec une demi-douzaine de canons et des barricades, ils régleraient le problème, après quoi les braves gens les remercieraient autant qu'ils le pourraient, tout en faisant usage des pouvoirs discrétionnaires mis entre-temps à leur disposition...

Vint ensuite Marx avec son «*prolétariat organisé en classe dirigeante*» («*Manifeste du Parti communiste*»), exerçant une «*dictature révolutionnaire*» durant le «*stade inférieur du communisme*», où

perior do comunismo» em que a remuneração seria «*de cada um segundo as suas capacidades e a cada um segundo as suas necessidades*» («*Crítica do programa de Gotha*»). Como entretanto, segundo o livro 1 de «*O Capital*», há que distinguir entre o «*trabalho complexo*» (por exemplo, o dum engenheiro) e o «*trabalho simples*» (por exemplo, o dum operário sem títulos académicos e com fraca qualificação profissional), os quais seriam respectivamente remunerados de maneira complexíssima e de maneira simplória, já estamos a ver em que é que o «*comunismo inferior*» e a fórmula aparentemente justiceira «*a cada um segundo o seu trabalho*» desembocam: justificação e manutenção das desigualdades, através da «*ditadura transitória*».

chacun serait payé «*selon son travail*», en attendant le «*stade supérieur du communisme*» où la rémunération irait «*de chacun selon ses capacités, à chacun selon ses besoins*» («*Critique du programme de Gotha*»). Or, selon le livre 1 du «*Capital*», il convient de distinguer le «*travail complexe*» (par exemple, celui d'un ingénieur) du «*travail simple*» (par exemple, celui d'un ouvrier sans diplôme universitaire et aux qualifications professionnelles limitées), qui seraient rémunérés respectivement de manières très complexe ou simpliste. On perçoit déjà où mènent le «*communisme inférieur*» et la formule en apparence juste «*à chacun selon son travail*»: la justification et le maintien des inégalités par une «*dictature transitoire*».

SOBRE O LENINISMO

Com Lénine e a teoria dos «*revolucionários profissionais*» e do «*centralismo democrático*» («*Que fazer?*»), atingir-se-ia o *point de non retour*, ponto esse largamente corroborado por «*O Estado e a Revolução*» ou por outras pérolas teórico-teocráticas como «*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*».

No primeiro desses livros, publicado logo em 1902 e verdadeira bíblia de qualquer candidato sério a ditador, Lénine baseia tudo na oposição mecanicista e bem pouco dialéctica, para empregar o vosso calão pseudo-científico, entre espontaneidade e organização. Na sua óptica, há que estender fio para desacreditar totalmente a espontaneidade e apresentá-la como algo demasiado nebuloso, subconsciente ou inconsciente, descabelado ou redundantemente «*espontâneo*» para ser real e caminhar com os próprios pés. Parece o discorrer de um teólogo sobre o aparecimento da vida na terra! E quem acreditar na espontaneidade, filha do caos e da balbúrdia, não irá para o paraíso bolchevista, pois, como arengará mais tarde Staline: «*Lénine foi o primeiro na história do pensamento marxista a pôr a nu até às raízes as origens ideológicas do oportunismo, mostrando que elas consistiam antes de mais em inclinarmo-nos ante a espontaneidade do movimento operário e em diminuirmos a importância da consciência socialista nesse movimento*».

Ora todo o barbeiro bolchevista sabe que, para o autor de «*Que fazer?*», «*contando só com as suas forças a classe operária não pode chegar mais longe do que à consciência trade-unionista, quer dizer, à convicção que tem que se unir em sindicatos, bater-se contra os patrões, reclamar ao governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários... etc... Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, económicas, elaboradas pelos representantes cultivados das classes possidentes, pelos intelectuais*». Passado este atestado de estupidez e minoridade permanente aos oprimidos e explorados, - o que é logo desmentido pelas organizações operárias de tipo anarco-sindicalista como a C.N.T. espanhola, a velha C.G.T. portuguesa, a F.O.R.A. argentina, a velha C.G.T. francesa ou a U.S.I. italiana, entre outras, - Lénine pode concluir imperturbavelmente: «*A consciência política de classe só pode ser levada ao operário a partir do exterior*». Uma espécie de prenda de Natal, como taxativamente se depreende, oferecida pelos donos dos livros ao desgraçado proleta cujo bestunto rude tenha mais ou menos assimilado os ensinamentos e mandamentos da cartilha vulgarizadora... É que a elitista e colossal inteligência de Lénine nunca foi capaz de compreender que

SUR LE LÉNINISME

Avec Lénine et la théorie des «*révolutionnaires professionnels*» et du «*centralisme démocratique*» («*Que faire ?*»), le point de non-retour serait atteint, un point largement corroboré par «*L'État et la Révolution*» ou par d'autres joyaux théoriciens-théocratiques tels que: «*Le gauchisme, la maladie infantile du communisme*».

Dans le premier de ces ouvrages, publié dès 1902 et véritable bible pour tout aspirant dictateur sérieux, Lénine fonde tout sur une opposition mécaniste et peu dialectique - pour reprendre votre jargon pseudo-scientifique - entre spontanéité et organisation. À ses yeux, il faut déployer des efforts considérables pour discréditer complètement la spontanéité et la présenter comme quelque chose de trop nébuleux, subconscient ou inconscient, désordonné, ou encore redondant de «*spontanéité*» pour être réelle et se suffire à elle-même. On croirait entendre un théologien dissenter sur l'apparition de la vie sur Terre! Et quiconque croit en la spontanéité, fruit du chaos et du désordre, n'accèdera pas au paradis bolchevique, car, comme Staline le dira plus tard: «*Lénine fut le premier dans l'histoire de la pensée marxiste à exposer à la racine les origines idéologiques de l'opportunisme, démontrant qu'elles consistaient avant tout à s'incliner devant la spontanéité du mouvement ouvrier et à minimiser l'importance de la conscience socialiste au sein de ce mouvement*».

Or, tout barbier bolchevique sait que, selon l'auteur de «*Que faire?*», «*ne comptant que sur ses propres forces, la classe ouvrière ne peut aller au-delà de la conscience syndicaliste, c'est-à-dire la conviction qu'elle doit s'unir en syndicats, lutter contre le patronat, exiger du gouvernement les lois nécessaires aux travailleurs... etc... Quant à la doctrine socialiste, elle est née des théories philosophiques, historiques et économiques élaborées par les représentants cultivés des classes possédantes, par les intellectuels*». Cette attestation de stupidité et d'immaturité permanente est transmise aux opprimés et aux exploités - ce que réfutent aussitôt les organisations ouvrières anarcho-sindicalistes telles que la C.N.T. espagnole, l'ancienne C.G.T. portugaise, la F.O.R.A. argentine, l'ancienne C.G.T. française ou l'U.S.I. italienne, entre autres. Lénine pouvait ainsi conclure imperturbablement: «*La conscience politique de classe ne peut être apportée à l'ouvrier que de l'extérieur*». Une sorte de cadeau de Noël, comme on le comprend aisément, offert par les propriétaires de livres au malheureux prolétaire dont l'esprit rudimentaire a plus ou moins assimilé les enseignements et les préceptes du manuel vulgarisant... L'intelligence élitiste et colossale de Lénine n'a jamais été capable de comprendre que spontanéité et organisation ne

espontaneidade e organização não se opõem nem podem opor-se e que a auto-organização operária de tipo anarco-sindicalista, ao bater-se na prática e no quotidiano contra o capital e o Estado, não separa a luta económica da luta política, ultrapassa completamente o trade-unionismo e as suas reivindicações reformistas e alimentares, por um lado, bem como a politiquice e as suas lutas eleiçoeriras ou golpistas, por outro, adquirindo deste modo, de maneira imanente e não derivada, uma consciência insubstituível e digna desse nome.

E já que da consciência insubstituível assim forjada estamos a falar, não resistimos à menção da série de substituições que a concepção organizativa leninista, recheada de profissionais e cada vez mais centralista, origina: a classe (termo aparentemente mais preciso, mas que, em meu entender, não engloba a totalidade dos expoliados) substitui-se às massas mais vastas e aos diferentes estratos da pirâmide social; o partido substitui-se à classe, com a sua arguta «consciência de classe», criando uma espécie de «proletariado substituto»; depois o aparelho de enquadramento e comando substitui-se ao partido (refiro-me ao *bric à brac* dos pequenos militantes de base repartidos por celas ou células e sempre prontos a pagar as cotizações, colar cartazes, distribuir panfletos e aplaudir nos comícios); depois o *Comité central* substitui-se ao aparelho, até porque os profissionais de segunda devem mandar nos funcionários de terceira; a seguir a *Comissão política* substitui-se ao *Comité central*, para que os revolucionários de segunda reconheçam a superioridade das cabecinhas privilegiadas de primeira; e o ditador supremo - que até pode ser o *Secretário-geral* - substitui-se, por fim, à *Comissão política*. Depois, num acesso de narcisismo ou de solipsismo, este até pode subir para cima dum estrado ou do trono, gritando que é o maior; após o que, muito tranquilamente, poderá dedicar-se ao onanismo, ejaculando copiosamente a sua substantiva essência sobre o objecto dos seus amores obsessionais: a sua augusta pessoa...

Quanto aos que desculpam as taras congenitais do «*glorioso partido*», em nome da sua pretensa eficácia e do papel que terá desempenhado num passado longínquo e idealizado como D. Sebastião, é só lembrar-lhes algumas evidências: a revolução de 1905, com a sua erupção totalmente espontânea de soviets, foi o primeiro desmentido às teses leninistas e as duas de 1917 (a de Fevereiro e a de Outubro) seguiram-lhe na pegada. Os bolchevistas limitaram-se a caminhar para o *Palácio de Inverno*, local simbólico do poder, e a desagregação do exército czarista à pressa pintado de vermelho, a estupidez belicista de Kerensky (estava-se na fase final da guerra de 14-18), a paz separada com os alemães (tratado de Brest-Litovsk) e as súbitas conversões ao marxismo-leninismo fizeram o resto. Já se podia

s'oppor e não podem ser opostas, e que l'auto-organisation ouvrière de type anarcho-sindicaliste, dans la lutte concrète et quotidienne contre le capital et l'État, ne sépare pas la lutte économique de la lutte politique, dépassant complètement le syndicalisme et ses revendications réformistes et alimentaires, d'une part, ainsi que les manœuvres politiques et ses luttes électorales ou putschistes, d'autre part, acquérant ainsi, de manière immanente et non dérivée, une conscience irremplaçable digne de ce nom.

Et puisque nous parlons de cette conscience irremplaçable ainsi forgée, nous ne pouvons nous empêcher de mentionner la série de substitutions engendrées par la conception organisationnelle léniniste, peuplée de professionnels et de plus en plus centralisatrice: la classe (un terme apparemment plus précis, mais qui, à mon avis, n'englobe pas la totalité des exploités) remplace les masses populaires et les différentes strates de la pyramide sociale; le parti remplace la classe, avec sa «conscience de classe» si perspicace, créant une sorte de «prolétariat de substitution»; puis l'appareil d'organisation et de commandement remplace le parti (je fais référence à ce bric-à-brac de petits militants de base divisés en cellules et toujours prêts à payer leurs cotisations, à coller des affiches, à distribuer des tracts et à applaudir lors des rassemblements); puis le *Comité central* remplace l'appareil, car des professionnels de second ordre doivent commander des fonctionnaires de troisième ordre; enfin, la *Commission politique* remplace le *Comité central*, de sorte que les révolutionnaires de second ordre reconnaissent la supériorité des esprits privilégiés de premier ordre. Et le dictateur suprême - qui pourrait même être le *Secrétaire général* - finit par remplacer la *Commission politique*. Puis, dans un accès de narcissisme ou de solipsisme, il peut même monter sur une estrade ou un trône, en criant qu'il est le plus grand; après quoi, très calmement, il peut se livrer à la masturbation, éjaculant abondamment son essence sur l'objet de ses amours obsessionnelles: sa personne auguste...

Quant à ceux qui excusent les défauts inhérents au «*glorieux parti*» au nom de sa prétendue efficacité et du rôle qu'il aurait joué dans un passé lointain et idéalisé, à l'instar du roi Sébastien, il suffit de leur rappeler quelques faits: la révolution de 1905, avec l'irruption totalement spontanée des soviets, fut la première réfutation des thèses léninistes, et les deux révolutions de 1917 (celles de février et d'octobre) suivirent. Les bolcheviks marchèrent simplement vers le Palais d'Hiver, siège symbolique du pouvoir, et la désintégration rapide de l'armée tsariste, la stupidité belliqueuse de Kerenski (dans la phase finale de la guerre de 1914-1918), la paix séparée avec les Allemands (traité de Brest-Litovsk) et les conversions soudaines au marxisme-léninisme firent le reste. Il était désormais possible

fazer tábua rasa da participação de todos os outros (dos anarquistas e dos socialistas revolucionários, por exemplo) e virar todas as forças disponíveis para o «*inimigo interior*». Primeiro urgia conquistar e conservar o poder «*revolucionário*», a construção do «*socialismo*» ficava para depois das calendas gregas.

E quanto aos serafins que crêem na eficiência da organização dos revolucionários na luta contra a *Okhrana* (a polícia política do czar), é só lembrar-lhes que, em 1912, se conheciam oficialmente 17 agentes que trabalhavam no meio dos socialistas revolucionários e 20 que estavam infiltrados no interior da ag emiação leninista. Nomes como os de Veresky, Júlia Orestovina, Jacob Jitomirsky e Romanov são sobejamente conhecidos. E que pensar do quicá mais célebre de todos os provocadores. Roman Malinovski, dirigente de primeiríssimo plano e protegido pessoal de Lénine e de Krupskaja? Como o partido dispunha de poucos operários nos postos de chefia e ele podia exhibir um pedigree proletário, foi catapultado até ao Comité central e chegou a ser candidato às eleições para a Duma. Entusiasmado, Lénine escreveu o discurso de abertura da sessão parlamentar. E referindo-se a Malinovski, disse: «*É a primeira vez que há entre nós na Duma um leader operário de primeiro plano. Há-de ser ele quem lerá a proclamação*». A eficácia do partido era, de facto, um espanto!

No que aos dois outros livros supracitados respeita, o primeiro deles, «*O Estado e a Revolução*», escrito em 1917, entre as duas revoluções, foca ainda mais especificamente o sempiterno problema da ditadura do proletariado. Ulianov vai exumar todos os textos operacionais de Marx, do *Manifesto* (1848) à *Crítica do programa de Gotha* (1875), passando por «*A luta de classes em França*» (1850), por certa correspondência, por «*A guerra civil de França*» (1871), etc... Procurava provar aos sociais-democratas menchevistas que a ditadura fora a grande ideia fixa de toda a vida do profeta e atirar-lhes à cara o seu reformismo parlamentar. No auge do esforço exegético-casuístico, chega a murmurar que, durante anos a fio, os anarquistas haviam sido os únicos que não tinham caído na armadilha do parlamentarismo, mas para logo acrescentar que tal acontecera não por mérito próprio dos acratas, mas porque os marxistas tinham esquecido as sagradas escrituras. Mais uma vez evidenciava, como adiante veremos, que nunca compreendera que ditadura e democracia saíram da mesma cepa espúria e são perfeitamente fungíveis, de jeito nenhum cobrindo o espectro das opções a sério.

E na derradeira obra que aqui trazemos à colação, «*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*» (1920), Ulianov, que na prática estava a refrear a revolução russa, cerceando-lhe toda a autono-

de faire abstraction de la participation de tous les autres (anarchistes et socialistes révolutionnaires, par exemple) et de concentrer toutes les forces disponibles contre «*l'ennemi intérieur*». Il fallait d'abord conquérir et conserver le pouvoir «*révolutionnaire*»; la construction du «*socialisme*» pouvait attendre la fin des calendes grecques.

Quant aux séraphins qui croient en l'efficacité de l'organisation révolutionnaire dans la lutte contre l'*Okhrana* (la police politique du tsar), il suffit de leur rappeler qu'en 1912, on recensait officiellement 17 agents connus parmi les socialistes-révolutionnaires et 20 infiltrés au sein de l'organisation léniniste. Des noms comme Veresky, Julia Orestovina, Jacob Jytomyrsky et Romanov sont bien connus. Et que dire du plus célèbre de ces provocateurs, Roman Malinovski, cadre dirigeant et protégé personnel de Lénine et Krupskaja? Le parti comptant peu de cadres ouvriers et fort de ses origines prolétaires, il fut propulsé au Comité central et même candidat aux élections de la Douma. Enthousiaste, Lénine rédigea le discours d'ouverture de la session parlementaire. Et, évoquant Malinowski, il déclara: «*C'est la première fois que nous avons parmi nous, à la Douma, un dirigeant ouvrier de premier plan et de la plus haute qualité. C'est lui qui lira la proclamation*». L'efficacité du parti était, en effet, stupéfiante!

Concernant les deux autres ouvrages mentionnés plus haut, le premier, «*L'État et la Révolution*», écrit en 1917, entre les deux révolutions, s'intéresse plus précisément encore au problème récurrent de la dictature du prolétariat. Oulianov exhume tous les textes opérationnels de Marx, du *Manifeste* (1848) à la *Critique du programme de Gotha* (1875), en passant par «*La Lutte des classes en France*» (1850), une certaine correspondance, «*La Guerre civile française*» (1871), etc... Il cherchait à démontrer aux sociaux-démocrates mencheviks que la dictature avait été l'idée centrale et immuable du prophète tout au long de sa vie et à discréditer leur réformisme parlementaire. Au plus fort de son effort exégétique et casuistique, il murmure même que, pendant des années, les anarchistes furent les seuls à ne pas être tombés dans le piège du parlementarisme, ajoutant aussitôt que cela n'était pas dû au mérite des anarchistes eux-mêmes, mais au fait que les marxistes avaient oublié les textes sacrés. Une fois encore, comme nous le verrons plus loin, il démontre qu'il n'a jamais compris que dictature et démocratie proviennent d'une même souche fallacieuse et sont parfaitement interchangeables, ne couvrant en rien l'éventail des options sérieuses.

Dans le dernier ouvrage que nous présentons ici, «*Le gauchisme, maladie infantile du communisme*» (1920), Oulianov, qui, dans les faits, réprimait la Révolution russe, en restreignant toute autonomie

mia e tentando confiscá-la em proveito do centro de decisão único, dá provas do seu novo-riquismo político e confirma praticamente o velho ditado: *Queres conhecer o vilão? Então põe-lhe o pau na mão!* Como já tinha transformado, por decreto, o partido social-democrata bolchevista em partido dito comunista, o que com o registo da patente lhe dava toda a autoridade obviamente científica para denunciar todo e qualquer acto de «*anticomunismo primário*», como soe dizer-se, arrogava-se o direito de delinear toda a política interna do seu vasto país e de gizar a própria estratégia do movimento internacional. No fundo, já agia como um chefe de Estado plenipotenciário, em demanda de boas relações com os outros Estados. Apoiando-se na novíssima classe constituída pelos quadros superiores do partido, pelos tchekistas, pelos militares de altapatente e polos chefes das empresas estatizadas, achava que a 3ª Internacional, nascida sob o signo do equívoco e das 21 condições, e sobre os escombros da desacreditadíssima 2ª Internacional (socialista), devia limitar-se a um papel bem modesto, verdadeira negação do verdadeiro espírito internacionalista: defesa da geopolítica e da geoestratégia da U.R.S.S., a que Staline chamará depois a «*pátria do socialismo*», ao defender a teoria do «*socialismo num só país*»... É que como 1920 é também o ano das ocupações de fábricas e terras na Itália, movimento esse que teve como figura de proa um certo Enrico Malatesta, havia que cortar as asas a qualquer veleidade que escapasse ao controle demente do centro único de decisão. Foi assim que, nas vésperas do 2º congresso da Internacional comunista, Ulianov se viu constrangido a constranger, rabiscando à pressa essa pequena obra-prima sobre a «*doença infantil*», na qual eram condenados sem apelo nem agravo e sumariamente executados quantos pretendessem escapar à sua férula: os esquerdistas alemães e ingleses, os tribunistas holandeses, os anarquistas e anarco-sindicalistas dos países latinos, etc... Mas quem sabe vigiar e punir, também sabe distribuir rebuçados e recompensar. É deste modo que Lénine, no mesmíssimo livro, defende a acção parlamentar e a entrada nos sindicatos reformistas e burocratizados, pondo de sobreaviso os bons congressistas contra a influência deletérica dos anti-parlamentares e antipolíticos. Para Ulianov, todo este «*realismo táctico*», longe de ser incompatível, era absolutamente indispensável à prossecução duma boa ditadura do proletariado, isto é, da arte de manejar o cacete e a cenoura...

Há ainda que dizer, aos que não crêem no centralismo, jacobinismo, maquiavelismo e espírito doentamente tortuoso de Lénine, que, para o infalível mestre, «*o jacobino ligado indissolivelmente à organização do proletariado consciente de ora avante dos seus interesses de classe é justamente o social-democrata revolucionário*» («*Um passo em*

et en tentant de la confisquer au profit d'un pouvoir décisionnel unique, fait preuve d'une attitude de nouveau riche politique et confirme en pratique le vieil adage: «*Vous voulez connaître le méchant ? Donnez-lui le bâton!*». Ayant déjà transformé, par décret, le *Parti social-démocrate bolchevique* en un soi-disant *parti communiste* - ce qui, avec l'enregistrement du brevet, lui conférait toute l'autorité, manifestement scientifique, pour dénoncer tout acte d'«*anticommunisme primaire*», comme on le qualifie souvent, - il s'arroge le droit de définir toute la politique intérieure de son vaste pays et d'élaborer la stratégie même du mouvement international. En substance, il agissait déjà comme un chef d'État plénipotentiaire, cherchant à entretenir de bonnes relations avec les autres États. S'appuyant sur la toute nouvelle classe composée des hauts cadres du parti, des tchékistes, des officiers supérieurs de l'armée et des dirigeants des entreprises d'État, il estimait que la *Troisième Internationale*, née sous le signe de l'ambiguïté et des 21 conditions, et sur les ruines de la *Deuxième Internationale (socialiste)* discréditée, devait se limiter à un rôle très modeste, une véritable négation du véritable esprit internationaliste: la défense de la géopolitique et de la géostratégie de l'URSS, que Staline appellerait plus tard la «*patrie du socialisme*», lorsqu'il défendrait la théorie du «*socialisme dans un seul pays*»... Parce que 1920 était aussi l'année des occupations d'usines et de terres en Italie, un mouvement mené par un certain Enrico Malatesta, il fallait brider toute initiative qui échappait au contrôle dement du centre décisionnel unique. Ainsi, à la veille du 2^{ème} Congrès de l'*Internationale communiste*, Oulianov se trouva contraint de contraindre autrui, griffonnant à la hâte ce petit chef-d'œuvre sur la «*maladie infantile*», où tous ceux qui osaient échapper à son emprise étaient condamnés sans appel et sommairement exécutés: gauchistes allemands et anglais, tribunistes néerlandais, anarchistes et anarcho-sindicalistes des pays latins, etc... Mais celui qui sait surveiller et punir sait aussi distribuer des friandises et récompenser. C'est ainsi que Lénine, dans ce même ouvrage, défend l'action parlementaire et l'adhésion aux syndicats réformistes et bureaucratés, mettant en garde les bons parlementaires contre l'influence néfaste des antiparlementaires et des antipoliticiens. Pour Oulianov, tout ce «*réalisme tactique*», loin d'être incompatible, était absolument indispensable à la poursuite d'une bonne dictature du prolétariat, c'est-à-dire à l'art de manier la carotte et le bâton.

Il faut également préciser, à ceux qui ne partagent pas le centralisme, le jacobinisme, le machiavélisme et l'esprit tortueux de Lénine, que pour le maître infallible, «*le jacobin indissolublement lié à l'organisation du prolétariat conscient de ses intérêts de classe est précisément le social-démocrate*

frente, dois passos atrás»), e a definição de política, eminentemente exequível para um operário cansado e embrutecido pelo trabalho, também é jeitosa e reveladora: algo que se parece «*mais com a álgebra do que com a aritmética e mais com as matemáticas superiores do que com as matemáticas elementares*».

De toda esta exposição, mais longa do que aquilo que inicialmente pretendia, concluo que, se não há qualquer diferença qualitativa, mas apenas de grau e intensidade, entre Trotsky e Staline, também não há qualquer cesura ou corte epistemológico entre leninismo e stalinismo. Todos mamaram pela mesma teta... E que pensar de um sistema que tom à cabeça um regime em que, dos cinco chefes máximos da sua polícia política (Dzerjinsky, Menjinsky, Iagoda, Lejov e Béria), no período que vai dos primórdios até à morte de Staline, apenas um morreu de morte natural (Dzerjinsky), muito possivelmente porque vitimado por uma epidemia de tifo? É certo que num país que se especializara e já dera ao mundo tantas polícias secretas, do mesmo modo que outros países se distinguem na tecnologia de ponta, o czarismo já criara a *Opritchnina* (no tempo de Ivan, o Terrível), depois a *Terceira secção* (no tempo de Nicolau-1^o) e, finalmente, a Okhrana, dirigida pelo inquietante e sinistro Zubatov. Mas que é isso comparado com a Tcheka, depois o G.P.U., a seguir o N.K.V.D. e, por fim, o K.G.B.? Só um homem como o incrível Lejov pode ser considerado, sem contestação séria, o maior assassino da história de todas as Rússias! E o «*re-visionista*» Kruchtchev, entre muitas coisas mais, poderá ler, no «*Relatório secreto ao 20º congresso do partido comunista da União Soviética*» (1956), conquanto referindo-se apenas ao pessoal dirigente da sua agremiação: «*Foi demonstrado que, dos 139 membros e suplentes do Comité central do Partido, que tinham sido eleitos no 17º Congresso, 98 tinham sido presos e fuzilados, quer dizer, 70%, na maior parte em 1937-1938*». Ou ainda: «*Sorte idêntica foi reservada, não só aos membros do Comité central, mas também à maioria dos delegados ao 17º Congresso; dos 1.966 delegados, quer com direito de voto quer com voz consultiva, 1.108 pessoas, quer dizer, nitidamente mais do que a maioria simples, foram presas sob a acusação de crimes contra-revolucionários*». Na minha opinião, vocês deviam pôr de lado determinados pruridos, despir-se de certos postulados apriorísticos e ver ou rever o vosso «*re-visionista*»...

révolutionnaire » (« *Un pas en avant, deux pas en arrière* »), et que la définition de la politique, parfaitement réalisable pour un ouvrier las et brutalisé par le travail, est aussi astucieuse et révélatrice: quelque chose qui ressemble «*d'avantage à l'algèbre qu'à l'arithmétique, et aux mathématiques supérieures qu'aux mathématiques élémentaires*».

De cet exposé, plus long que prévu initialement, je conclus que, s'il n'y a pas de différence qualitative, mais seulement une différence de degré et d'intensité, entre Trotsky et Staline, il n'y a pas non plus de rupture épistémologique entre le leninisme et le stalinisme. Ils ont tous tété le même pis... Que penser d'un système dirigé par un régime où, sur les cinq chefs suprêmes de sa police politique (Dzerjinski, Menjinski, Iagoda, Lejov et Béria), de ses débuts jusqu'à la mort de Staline, un seul mourut de causes naturelles (Dzerjinski), probablement des suites d'une épidémie de typhus? Certes, dans un pays qui s'était spécialisé dans la création de nombreuses polices secrètes, et qui en avait déjà donné au monde tant, tout comme d'autres pays se distinguent par leurs technologies de pointe, le tsarisme avait déjà créé l'*Opritchnina* (sous Ivan le Terrible), puis la *Troisième section* (sous Nicolas-1^{er}), et enfin l'*Okhrana*, dirigée par l'inquietant et sinistre Zoubatov. Mais qu'est-ce que cela représente comparé à la *Tchéka*, puis au G.P.U., suivi du N.K.V.D., et enfin au K.G.B. ? Seul un homme comme l'incroyable Lejov peut être considéré, sans contestation sérieuse, comme le plus grand meurtrier de toute l'histoire de la Russie! Et Khrouchtchev, le «*révisionniste*», pouvait notamment lire dans le «*Rapport secret au 20^{ème} Congrès du Parti communiste de l'Union soviétique*» (1956), bien que ne concernant que les principaux dirigeants de son organisation: «*Il a été démontré que, sur les 139 membres et suppléants du Comité central du Parti, élus au 17^{ème} Congrès, 98 avaient été arrêtés et fusillés, soit 70%, principalement en 1937-1938*». Ou encore: «*Un sort similaire fut réservé non seulement aux membres du Comité central, mais aussi à la majorité des délégués au 17^{ème} Congrès; sur les 1.966 délégués, qu'ils aient le droit de vote ou un rôle consultatif, 1.108 personnes - soit bien plus que la majorité - furent arrêtées pour crimes contre-révolutionnaires*». À mon avis, vous devriez mettre de côté certains scrupules, vous défaire de certaines idées préconçues et reconsidérer votre point de vue de «*révisionniste*»...

SOBRE OS CONSELHOS OPERÁRIOS

Estamos, por conseguinte, a ver o que é a ditadura do proletariado: a ditadura duma transição que nunca mais acaba; a metamorfose da concepção materialista ou monista da história, com as suas pretensas leis do desenvolvimento histórico, em concepção policial da história; se não uma «*viagem interplanetária*», segundo a vossa fraseologia catita, certamente um ovni (objecto voador não identificado) de geometria variável. Basta que se diga que, no fim deste longo e indesfiável rosário ou calvário, em que cada um a quer cozinhar «*à maneira*», como dizem os taberneiros, ainda nos aparecem alguns conselhistas marxistas que, insatisfeitos com os partidos de matriz leninista, querem deslocar a famigerada ditadurazinha do partido dos revolucionários profissionais para os conselhos operários, atribuindo-lhes «*todo o poder*», tal como um certo Ulianov, com o seu costumeiro oportunismo, em 1917. Como não conseguem conceber uma sociedade aberta e auto-regulada e vêem sempre no poder o grande regulador social, não conseguem viver sem ele, como os grandes apaixonados. Deste modo, levando ao extremo a sua incoerência aparentemente coerente, acham que os soviets são uma espécie de panaceia e órgãos espontâneos de poder, uma espécie de autogestão do poder ou de jogo sado-masoquista em que se é, simultaneamente, prisioneiro e carcereiro.

Acontece, porém, que a problemática dos soviets é mais antiga do que aquilo que se julga, remontando aos tempos da *Federação regional espanhola da 1ª Internacional*, onde já se falava de *buntos* ou de *consejos de trabajo*. Contudo, foi na Rússia que eles surgiram pela primeira vez, em 1905, mostrando na prática o que podiam ser e até onde podiam ir, antes de serem completamente desfigurados. Voline, num capítulo absolutamente histórico e desmistificador de «*A revolução desconhecida*», vai mesmo ao ponto de nos contar como nasceu o primeiro conselho, em janeiro-fevereiro de 1905, no rescaldo do movimento *gaponista* e como associação de autodefesa e apoio às numerosas vítimas da repressão, e não no fim desse mesmo ano como pretende a historiografia oficial. Com toda a honestidade, conta-nos ainda quão grande é o embaraço de inúmeros rabiscadores de papel impresso, quando são obrigados a mencionar o seu nascimento completamente endógeno e enraizado nas camadas mais profundas do tecido social. E Voline sabia, em primeiríssima mão, daquilo de que falava, já que fora ele e não outrém o convidado para presidente do primeiro soviete autónomo, função que não pôde aliás desempenhar, desempenhando-a Nossar, mais um sem-partido, em seu lugar.

SUR LES CONSEILS OUVRIERS

Nous voyons donc là la véritable nature de la dictature du prolétariat: la dictature d'une transition qui ne finit jamais; la métamorphose de la conception matérialiste ou moniste de l'histoire - avec ses lois prétendues du développement historique - en une conception policière de l'histoire; si ce n'est un «*voyage interplanétaire*», pour reprendre leur phraséologie accrocheuse, certainement un O.V.N.I. (objet volant non identifié) à géométrie variable. Il suffit de dire qu'au terme de cette longue et interminable litanie, ou épreuve, où chacun veut cuisiner à «*sa sauce*», comme disent les tenanciers de taverne, nous rencontrons encore certains marxistes conseillistes qui, insatisfaits des partis de type léniniste, souhaitent transférer l'infâme petite dictature du parti de révolutionnaires professionnels aux conseils ouvriers, en leur accordant «*tout le pouvoir*» - tout comme le fit un certain Oulianov en 1917, avec l'opportunisme qui le caractérisait. Incapables de concevoir une société ouverte et autorégulée, et considérant le pouvoir comme le grand régulateur social, ils ne peuvent s'en passer, à l'instar d'amoureux obsessionnels. Ainsi, poussant à l'extrême leur incohérence en apparence cohérente, ils voient dans les soviets une sorte de panacée et des organes spontanés de pouvoir, une forme d'autogestion du pouvoir, ou un jeu sadomasochiste où l'on est à la fois prisonnier et geôlier.

Toutefois, la question des soviets est antérieure à ce que l'on croit généralement; elle remonte à l'époque de la *Fédération régionale espagnole de la 1ère Internationale*, où il était déjà question de «*juntas*» ou de «*conseils du travail*». C'est pourtant en Russie qu'ils ont vu le jour en 1905, démontrant concrètement leur nature et leur potentiel avant d'être totalement dénaturés. Dans un chapitre véritablement historique de «*La Révolution incon nue*», ouvrage qui bat en brèche les idées reçues, Voline relate précisément la naissance du premier conseil: celui-ci est apparu en janvier-février 1905, dans le sillage du mouvement *gaponien* et en tant qu'organisation d'autodéfense et de soutien aux nombreuses victimes de la répression, et non à la fin de cette même année comme le prétend l'historiographie officielle. Il décrit sans détour l'embaras d'innombrables plumitifs contraints de reconnaître les origines purement endogènes de ce conseil, profondément ancré dans le tissu social. Voline parlait en connaissance de cause, ayant été invité à présider le premier soviet autonome, rôle qu'il ne put finalement assumer, Nossar (une autre figure indépendante de tout parti) prenant sa place.

Na minha opinião, contudo, os soviets têm limitações evidentes: só de longe e fragmentariamente configuram a fórmula do velho Saint-Simon: «*passar do governo dos homens à administração das coisas*», e só imperfeitamente consubstanciam a negação de qualquer forma de poder; têm ainda por cima, num mundo em que tudo é desvirtuado, vocação para se transformar em parlamentos operários, vogando ao sabor das maiorias, e para cair nas mãos ou dos socialistas revolucionários ou dos menchevistas ou dos bolchevistas; no fundo, estão mais próximos da *democracia directa* do que da genuína *acracia*. Não obstante, em ideia e a nível das intenções, estiveram sempre muito afastados, na Revolução russa, daquilo em que a contra-revolução bolchevista os converteu, até atingirem hoje (e nos tempos de Staline) os elevados cumes da suprema irrisão, o *Soviete supremo*...

Mas já que de conselhos operários estamos a falar e, por conselheiro, de conselhos de produtores, porque não falarmos antes de conselhos de consumidores? Não constituirão os consumidores, ao englobarem todos os que trabalham, já trabalharam ou não-de trabalhar, uma categoria mais ampla do que a dos produtores? Não me refiro, como facilmente se depreende, aos opressores e exploradores; falo tão somente dos trabalhadores no activo, dos reformados e das crianças e dos jovens, e penso que não esqueci ninguém. Na sociedade do futuro, o consumo deve guiar a produção, fora, claro está, da filosofia consumista e dos padrões alienantes da produção mercantil. Os produtores no activo só terão a última palavra a dizer sobre as suas condições materiais de trabalho.

Não o entendem, contudo, assim os últimos abencerragens (*) da *Internacional situacionista* que, na esteira de um pretenso «*marxismo libertário*» e doutras extravagâncias pseudo-heterodoxas, tentaram debalde matrimoniar certos aspectos de um anarquismo mal assimilado com o doutrinarismo e a arrogância do socialismo dito científico. Um pouco como o conúbio, o contubérnio impossível, entre a carpa e o coelho! Virados mais para a estética do que para a crítica da política, esses cavalheiros, mais *dandies* e diletantes do que outra coisa qualquer, pensam fazer faísca com fórmulas vazias e contraditórias como o «*poder absoluto dos conselhos operários*» (7ª conferência sobre a definição mínima das organizações revolucionárias) que, no parecer deles, é a única forma possível de «*ditadura antiestatal do proletariado*». Quanto a

À mon sens, toutefois, les soviets présentent des limites évidentes: ce n'est que de loin et de manière fragmentaire qu'ils incarnent la formule du vieux Saint-Simon: «*passer du gouvernement des hommes à l'administration des choses*», - et ce n'est qu'imparfaitement qu'ils réalisent la négation de toute forme de pouvoir; en outre, dans un monde où tout est dénaturé, ils ont tendance à se transformer en parlements ouvriers, au gré des majorités, et à tomber aux mains des socialistes-révolutionnaires, des mencheviks ou des bolcheviks; en fin de compte, ils se rapprochent davantage de la *démocratie directe* que d'une véritable *acratie*. Néanmoins, par l'idée et l'intention, ils étaient bien éloignés, durant la Révolution russe, de ce que la contre-révolution bolchevique en a fait, pour aboutir finalement (tant aujourd'hui qu'à l'époque de Staline) aux sommets vertigineux de la dérision suprême: le *Soviet suprême*...

Mais puisqu'il est question de conseils ouvriers, et, par extension, de conseils de producteurs, pourquoi ne pas parler plutôt de conseils de consommateurs? En englobant tous ceux qui travaillent, ont travaillé ou travailleront, les consommateurs ne constituent-ils pas une catégorie plus vaste que celle des producteurs? Je ne fais pas allusion, cela va de soi, aux oppresseurs et aux exploités; je ne parle que des travailleurs en activité, des retraités, des enfants et des jeunes, et je crois n'avoir oublié personne. Dans la société de l'avenir, la consommation devrait orienter la production, bien entendu, toutefois, en dehors du cadre de la philosophie consumériste et des schémas aliénants de la production marchande. Les producteurs en activité n'auraient le dernier mot qu'en ce qui concerne leurs conditions matérielles de travail.

Telle n'est pourtant pas la conception qu'en ont les derniers «*abencerrages*» (*) de l'*Internationale situationniste*; dans le sillage d'un soi-disant «*marxisme libertaire*» et autres extravagances pseudo-hétérodoxes, ils ont tenté en vain de marier certains aspects d'un anarchisme mal assimilé au doctrinarisme et à l'arrogance du socialisme dit scientifique. C'est un peu comme l'union, l'impossible cohabitation, d'une carpe et d'un lapin! Davantage soucieux d'esthétique que de critique politique, ces messieurs, plus dandys et dilettes qu'autre chose, s'imaginent faire des étincelles avec des formules creuses et contradictoires telles que le «*pouvoir absolu des conseils ouvriers*» (issu de la 7^{ème} conférence sur la définition minimale des organisations révolutionnaires), qui représente à leurs yeux la seule forme possible d'une «*dictature anti-étatique du prolétariat*». Quant à moi, j'en reste bouche bée: comment une dictature peut-elle

(*) O que diz a Wikipedia.pt?: «*Abencerragens, foi uma linhagem de origem norte-africana que governou Granada durante a época do Reino Nacérida, antes da conquista deste reino pelos Reis Católicos na Guerra de Granada. Opunham-se rivalmente aos Zegrís*». (Observação A.M.).

(*) Selon Wikipedia.fr: «*Les Abencerrages sont une tribu maure du royaume de Grenade au 15^{ème} siècle, établie dans la péninsule ibérique depuis le 7^{ème} siècle. Elle était opposée à celle des Zégris ou Zérites. Les querelles de ces deux factions ensanglantèrent Grenade de 1480 à 1492 et hâtèrent la chute du royaume*». (Note A.M.).

mim, fico boquiaberto: como é que uma ditadura pode ser antiestatal e, se são assim tão antiestatais, porque é que esses traquinas se apegam tanto à ditadura? Pela amostragem, penso francamente, como diria o dr. Frankenstein, que estamos perante uma neurose obsessiva ou ansiosa, uma psicose sem qualquer possibilidade de transferência, um tique nervoso, um vício redibitório (oculto, mas indisfarçável), um beco sem saída, uma crise mística ou um delírio ideológico típico... Que monstruosidade!

Com os seus poderes absolutos e os seus absolutismos estético--doutrinários, os situacionistas são mesmo muito relativamente revolucionários. Não evoluíram desde os tempos em que Marx e Engels, mau grado continuarem substancialmente iguais a si mesmos, ficaram tão impressionados com a *Comuna de Paris* - por Bakunine considerada uma «*negação audaciosa do Estado*» - que já nem atinavam com as formulas contraditórias a empregar: o primeiro balbuciava, em «*A guerra civil em França*», que o proletariado francês não se tinha limitado a fazer o Estado mudar de mãos, mas o tinha inclusive quebrado; e o eterno segundo, numa carta a August Bebel, a propósito do programa de Gotha, mas tendo em mente os anarquistas, que os andavam a acosar cada vez mais, rabiscava que «*conviria abandonar toda essa tagarelice sobre o Estado, sobretudo depois da Comuna, que já não era um Estado no sentido próprio*». Mas nenhum desses propósitos piedosos impediria Engels de voltar à sua mania favorita e de, paralelamente, exclamar: «*Olhai a Comuna de Paris, era a ditadura do proletariado...*». Do mesmo modo que não impediria Marx de aconselhar a introdução do artigo 7º nos estatutos da *Primeira internacional*: «*Como os senhores da terra e do capital se servem sempre dos seus privilégios políticos para defender e perpetuar os seus monopólios e subjugar o trabalho, a conquista do poder político torna-se o grande dever do proletariado*». Entrementes, os anarquistas e as federações rebeldes da A.I.T. consideravam essa «*pretensão tão absurda como reaccionária*» e que «*a destruição de qualquer poder político é o primeiro dever do proletariado*». Mas é no atabalhoamento marxista que os enormíssimos inovadores da situacionice vão beber. Admirável clareza!

Finalizando, por ora, esta passeata pelos meandros quase insondáveis da vossa *libido dominandi*, só me resta dizer que a refutação prática e teórica do vosso discurso monotemático, aporrinhante e obsessivo foi feita há muito e à saciedade pelos anarquistas das mais variadas tendências. Nem preciso de vos citar os pensadores libertários dos séculos 19 ou 20, de vos falar de Proudhon ou de Bakunine, de Kropotkine ou de Malatesta, de Luigi Fabbri ou de Camillo Berneri, de Gustav Landauer ou de Max Nettlau, de Rudolf Rocker ou de Mercier Vega. Para quê? Como comecei pelo autori-

êre anti-étatique? Et s'ils sont si hostiles à l'État, pourquoi ces drôles de lascars s'accrochent-ils avec tant de ténacité à l'idée de dictature? À en juger par les faits, je pense franchement, comme dirait le docteur Frankenstein, que nous avons affaire à une névrose obsessionnelle ou anxieuse, à une psychose sans possibilité de transfert, à un tic nerveux, à une faille fatale (cachée mais indéniable), à une impasse, à une crise mystique ou à un délire idéologique typique... Quelle monstruosité!

Avec leurs pouvoirs absolus et leurs absolutismes esthético-doctrinaux, les situationnistes ne sont, en fait, que très relativement révolutionnaires. Ils n'ont pas évolué depuis l'époque où Marx et Engels, tout en restant au fond inchangés, furent si impressionnés par la *Commune de Paris* (considérée par Bakounine comme une «*négação audacieuse de l'État*») qu'ils peinèrent à trouver les mots justes pour la décrire: le premier balbutiait, dans «*La Guerre civile en France*», que le prolétariat français n'avait pas simplement fait changer l'État de mains mais l'avait bel et bien brisé; tandis que l'éternel second, dans une lettre à August Bebel concernant le programme de Gotha, mais en pensant aux anarchistes qui le harcelaient de plus en plus, griffonnait qu'«*il vaudrait mieux abandonner tout ce bavardage sur l'État, surtout après la Commune, qui n'était plus un État au sens propre*». Pourtant, aucune de ces pieuses intentions n'empêcha Engels de revenir à son obsession favorite et de s'exclamer: «*Regardez la Commune de Paris; c'était la dictature du prolétariat...*». Tout comme cela n'empêcha pas Marx de préconiser l'inclusion de l'article 7 dans les statuts de la *Première internationale*: «*Attendu que les maîtres de la terre et du capital utilisent toujours leurs privilèges politiques pour défendre et perpétuer leurs monopoles et pour asservir le travail, la conquête du pouvoir politique devient le grand devoir du prolétariat*». Pendant ce temps, les anarchistes et les fédérations rebelles de l'A.I.T. considéraient cette revendication comme «*aussi absurde que réactionnaire*», soutenant au contraire que «*la destruction de tout pouvoir politique est le devoir premier du prolétariat*». Or, c'est précisément de ce fatras marxiste que les énormissimes innovateurs du situationnisme tirent leur inspiration. Quelle admirable clarté!

Pour clore, pour l'instant, cette incursion dans les dédales quasi insondables de votre «*soif de domination*», il me suffit de dire que la réfutation, tant pratique que théorique, de votre discours monothématique, irritant et obsessionnel a été accomplie depuis longtemps, et de manière exhaustive, par des anarchistes de toutes obédiences. Point n'est besoin de citer les penseurs libertaires du 19^{ème} ou du 20^{ème} siècle, d'évoquer Proudhon ou Bakounine, Kropotkine ou Malatesta, Luigi Fabbri ou Camillo Berneri, Gustav Landauer ou Max Nettlau, Rudolf Rocker ou Mercier Vega. À quoi bon? Puisque j'ai commencé par l'autoritarisme jacobin, il suffit de

tarisme jacobino, basta que vos cite o «*enragé*» Jean Varlet, um acrata *ante litteram* do século 17, que exclamava em pleno desvio sectário da Revolução francesa: «Que monstruosidade social, que obra-prima de maquiavelismo, com efeito, é este governo revolucionário. Para todo o ser que raciocina, governo e revolução são incompatíveis...».

Senão vejamos...

citer l'«*Enragé*» Jean Varlet, un libertaire «*avant la lettre*» qui s'exclamait, en pleine dérive sectaire de la Révolution française: «*Quelle monstruosité sociale, quel chef-d'œuvre de machiavélisme que ce gouvernement révolutionnaire! Pour tout être doué de raison, gouvernement et révolution sont incompatibles...*».

A suivre...
